

Mercado S/A



AMAURI SEGALLA
amaurisegalla@diariosassociados.com.br

Para o mercado, a sucessão de más notícias reforça a necessidade de ajustes urgentes

Varejo digital cresce com força na Black Friday

Apesar dos inúmeros desafios na área econômica, os brasileiros foram às compras na Black Friday. Na primeira quinzena de novembro, período que dá a largada nas promoções, o faturamento do varejo digital aumentou 11% em relação ao mesmo período do ano passado, conforme dados apurados pela empresa de pagamentos eletrônicos Getnet. Outro estudo, desta vez feito pela Casas Bahia, mostrou que, como já é tradição, os smartphones foram os produtos mais procurados no período de 1 a 25 de novembro.

Para JP Morgan, Brasil vive "dia da marmota"

A insatisfação do mercado financeiro com a agenda econômica do governo Lula foi expressa de maneira irônica pelo banco americano JPMorgan em relatório distribuído a clientes. "O Brasil vive um eterno dia da marmota", escreveu a instituição, que foi além: "Seria ambicioso esperar mudanças estruturais que permitam a estabilização da dívida pública no Brasil em um futuro previsível." Como se não bastasse, o banco também rebaixou a recomendação de compra para ações brasileiras.

Sucessão de indicadores negativos preocupa o mercado financeiro

A economia brasileira entrou numa maré de notícias negativas. Ontem, diante dos recorrentes atrasos na divulgação do pacote fiscal (as medidas não haviam sido anunciadas até o fechamento desta Coluna), o dólar fechou no maior nível da história, o que poderá ser um complicador para a já preocupante inflação do país. A decepção veio até nos números do mercado de trabalho, um segmento que tem abastecido o governo com informações positivas. Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) divulgados pelo Ministério do Trabalho e Emprego revelaram que o país abriu 132,7 mil empregos com carteira assinada em outubro, número pior do que as previsões feitas pelos especialistas. Há outros sinais alarmantes. Em novembro, o índice de confiança da indústria medido pela Fundação Getúlio Vargas caiu pelo terceiro mês consecutivo. Para o mercado financeiro, a sucessão de más notícias reforça a necessidade de ajustes urgentes na economia.



Minervino Júnior/CB

Na infraestrutura, chegou a vez dos investimentos privados

Os investimentos privados em infraestrutura deverão crescer de maneira expressiva nos próximos anos. De acordo com cálculos da Associação Brasileira de Infraestrutura e Indústrias de Base (Abdib), eles totalizarão R\$ 372,3 bilhões entre 2025 e 2029. Se a cifra for confirmada, representará um aumento de 63% em relação à última estimativa, realizada no ano passado. A Abdib diz que leilões de rodovias e concessões nas áreas de saneamento serão responsáveis por atrair a maior parte dos recursos.

Ao não pisar em nenhuma casca de banana, eu agora continuo em circulação, com 94 anos e com uma grande quantidade de economias que pode ser passada para frente para outros que receberam poucas oportunidades quando nasceram"

Trecho de carta escrita pelo megainvestidor americano Warren Buffet, na qual explica as razões para deixar boa parte de seu patrimônio para a filantropia



LUCAS JACKSON

38%

das empresas pretendem dar aumento real aos seus funcionários em 2025, segundo pesquisa feita pela consultoria de recrutamento Michael Page.

RAPIDINHAS

A alemã Volkswagen decidiu fechar uma de suas fábricas na China, localizada na região de Xinjiang. Recentemente, a empresa foi superada pela chinesa BYD como a marca mais vendida no país e, segundo projeções, terá dificuldades para recuperar o posto. A Volks está em meio a um processo de corte de custos em algumas de suas operações no mundo.

A fabricante de motores Weg comprou, por valores não revelados, a Reivax, empresa brasileira especializada em sistemas de controle para a geração de energia hidrelétrica, fotovoltaica e eólica. Com faturamento anual na casa dos R\$ 130 milhões, a Reivax atua em diversos mercados, inclusive na Europa e na Ásia.

O ano de 2024 representará um marco para a publicidade no mundo. De acordo com a empresa especializada em pesquisa de mercado Ascential, os investimentos globais no setor alcançarão pela primeira vez na história a marca de US\$ 1 trilhão, o que significará um acréscimo de 11% em relação a 2023 — será o maior crescimento em 6 anos.

A montadora americana General Motors ingressará na Fórmula 1 a partir de 2026. Para isso, usará uma de suas marcas mais famosas — a Cadillac. A empresa terá equipe própria e será comandada pela lenda do automobilismo Mario Andretti, campeão mundial da categoria em 1978 e detentor de quatro títulos da IndyCar.

CASO CARREFOUR

Em resposta aos ataques do parlamento francês, presidente afirma que a prioridade é a negociação entre Mercosul e União Europeia. No Congresso, senadores aprovam moção de repúdio e consideram insuficiente a retratação de rede varejista

França não apita nada, rebate Lula

» VICTOR CORREIA
» ISRAEL MEDEIROS
» JÚLIA PORTELA

Após as manifestações do governo federal e de setores do agro, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) se posicionou firmemente sobre a crise das carnes envolvendo o Carrefour e os produtores brasileiros. O assunto já era considerado como "resolvido" por ministros e entidades que representam o agronegócio, mas a repercussão de uma fala do deputado francês Vincent Trébuchet (UDR, direita) na terça-feira motivou uma nova onda de reações.

Em um evento da indústria, Lula disse que o agro brasileiro deve continuar "causando raiva" aos parlamentares europeus. "Eu quero que o agronegócio continue crescendo e causando raiva em deputado francês que achinhalou o produto brasileiro, porque nós vamos fazer o acordo com o Mercosul. Nem tanto pela questão do dinheiro, vamos fazer porque eu estou há 22 anos nisso", declarou Lula no Encontro Nacional da Indústria (Enai), realizado pela Confederação Nacional da Indústria no Centro Internacional de Convenções do Brasil (CIBC), em Brasília.

Lula disse também que franceses a França "não apita mais nada" sobre o acordo entre Mercosul e União Europeia e que espera finalizar o acordo ainda neste ano, apesar da resistência de agricultores franceses que têm pressionado o governo. "Se os franceses não quiserem o acordo, eles não apitam mais nada. Quem apita é a Comissão Europeia. E eu pretendo assinar esse acordo ainda este ano, tirar isso da minha pauta", disse o presidente.

As declarações de Lula dizem respeito à votação, realizada na terça-feira pelo parlamento francês, contra a negociação entre Mercosul e União Europeia. Os ataques do deputado Vincent Trébuchet ocorreram durante a sessão, na qual 484 de 555 deputados presentes validaram a posição do governo de Macron, notório opositor do acordo entre os blocos econômicos.

Repúdio

O Congresso também reagiu às falas do deputado francês. No Senado, a Comissão de Agricultura e Reforma Agrária do Senado aprovou uma moção de repúdio às falas de Vincent Trébuchet. "Mais uma atitude que envergonha a França diante das relações amigáveis, diplomáticas com o Brasil, diante de uma longa relação de respeito pelos

Ricardo Stuckert/PR



Presidente da República disse que pretende concluir o acordo entre Mercosul e União Europeia este ano

nossos acordos, pelos tratados dos quais são signatários os dois países", disse o senador Alan Rick (União Brasil-AC), que propôs a moção de repúdio.

O congressista também disse que o Brasil "precisa ser respeitado", assim como seus produtores. Pontuou, ainda, que a exportação de carne brasileira para a França é "infima" em comparação com o resto dos mercados, mas que não se pode aceitar a forma como o assunto vem sendo tratado pelos franceses.

A ex-ministra da Agricultura e senadora Tereza Cristina (PP-MS) defende medidas firmes por parte do Brasil. "Não podemos admitir essa falta de respeito com o Brasil e com os produtos brasileiros. A medida foi contra o Mercosul, mas o foco é o Brasil, a ponto de ontem ter tido uma reunião no Parlamento francês na qual deputados falaram que os produtos

brasileiros são lixo e que os franceses não podem colocar lixo no seu prato. Isso precisa de uma retratação", afirmou.

Para o Sindicato Nacional dos Auditores Fiscais Federais Agropecuários (Anffa Sindical), as falas são uma "tentativa de manchar a reputação do agronegócio nacional". A entidade disse condenar o "protecionismo" por trás das declarações de parlamentares franceses e destacou o "compromisso" dos produtores brasileiros de zelar pelos "mais altos padrões de qualidade e segurança sanitária".

A crise entre o Carrefour e o agro brasileiro começou há mais de uma semana, quando o CEO global do Carrefour levantou dúvidas sobre a qualidade das carnes do Mercosul em uma carta endereçada a Arnaud Rousseau, presidente da Federação Nacional dos Sindicatos Agrícolas da França. A entidade faz lobby para que o governo rejeite

o acordo entre os blocos econômicos e foi uma das organizadoras do movimento de agricultores que fechou estradas no país na última semana.

Panos quentes

Antes das declarações de Lula, o ministro Carlos Fávaro (Agricultura, Pecuária e Abastecimento) havia dito que o Carrefour compreendeu seu erro e se retratou, referindo-se ao pedido de desculpas feito pela rede na terça-feira. "Agora, é bola para frente. Caso encerrado", disse Fávaro ontem, antes de participar de um evento em São Paulo.

Esse também foi o tom adotado pelo chanceler Mauro Vieira no programa Bom Dia, Ministro, da estatal Empresa Brasil de Comunicação (EBC). Ele disse que o mal-estar ocorreu entre empresários, e não entre os governos do Brasil e da França. "Foi a manifestação de uma



Eu quero que o agronegócio continue crescendo e causando raiva em deputado francês que achinhalou o produto brasileiro, porque nós vamos fazer o acordo com o Mercosul"

Luiz Inácio Lula da Silva,
presidente da República

empresa privada, e governos não se envolvem nisso. O que fizemos foi uma nota", contou o ministro. Para ele, a retratação do Carrefour pôs fim à crise. "Do ponto de vista de governo, não houve nenhum problema maior. E, do ponto de vista empresarial, está superado", afirmou Vieira.

Ao **Correio**, o senador Izalci Lucas (PL-DF) avaliou que a reação do governo às declarações do CEO do Carrefour deveria ter sido mais dura. "Essa situação comprometeu o mercado todo, questionando a qualidade da nossa carne. Para desfazer o estrago que foi feito, seria preciso adotar uma postura mais dura com a França", afirmou.

A Comissão de Agricultura da Câmara aprovou um convite a Mauro Vieira para participar de uma audiência para explicar a relação do Brasil com a França durante a crise diplomática. Não há data marcada ainda para que o ministro compareça ao colegiado. (Colaborou **Fernanda Strickland**).